CÍRCULOS DE CULTURA COM CRIANÇAS:PRÁTICAS LITERÁRIAS DECOLONIAIS E LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA

Franciélia Saraiva Alves Rodrigues[1] **;** Claudiana Nogueira de Alencar[2]

[1] Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino- PPGEEN/UECE, Limoeiro do Norte-Ceará, Brasil; email: saraiva.rodrigues@aluno.uece.br

[2] Universidade estadual do Ceará/UECE; email: claudiana.alencar@uece.br

Introdução

Os Novos Estudos do Letramento (NEL) compreendem o letramento como prática social, ou seja, reconhece a natureza social da leitura e da escrita numa perspectiva transcultural. Para compreendermos os letramentos é necessário pensarmos em termos de práticas concretas e sociais, como produto da história, da cultura e dos discursos.

Com base nos estudos de Street (2014, p. 9), podemos afirmar que: "vivemos práticas sociais concretas em que diversas ideologias e relações de poder atuam em determinadas condições, especialmente se levarmos em consideração as culturas locais, questões de identidade e as relações entre os grupos sociais".

A aparente visão de neutralidade, dada pela hegemonia do letramento, particulariza um tipo de identidade- um tipo de cidadão, consequentemente é uma decisão política a favor de um grupo social específico. Os NEL consideram que as práticas letradas são permeadas de alegações ideológicas inerentes ao contexto político/social, e dependendo da situação, podem ter consequências diversas.

A "abordagem ideológica" (Street, 2014) considera que os usos locais de letramento, bem como as suas percepções, podem diferir dos da cultura dominante. A experiência letrada de diferentes povos precisa ser valorizada e reconhecida. A população local possui práticas letradas próprias que pelo "modelo autônomo" (Idem, 2014) são marginalizadas.

A reconceitualização do letramento sugere, pois, o afastamento da visão dominante de letramento excludente, com características autônomas, as quais são aceitas somente pelo viés escolar. Souza (2011) nos adverte que:

> Uma das tarefas cada vez mais urgentes para a instituição escolar é atentar para a dinâmica e as múltiplas maneiras de uso social da linguagem, estabelecendo uma ponte entre o que está dentro e o que está fora da sala de aula, de forma a considerar as diferentes vozes e identidades que circulam nos espaços educativos. (SOUZA, 2011, p. 160)

Desse modo, compreendemos que da interação das crianças com as experiências de mundo que possuem, e das práticas de linguagem, entendidas não apenas como figuração da realidade, mas como "jogos de linguagem" (Wittgenstein, 1999), considerando essas práticas de linguagem como "práticas terapêuticas de uso social da linguagem" (Alencar, 2021), acreditamos que é possível construir práticas leitoras em sala de aula significativas, permitindo

traçar uma gramática que diz respeito ao modo como o cotidiano se inscreve na vida dessas crianças, no modo de ser e estar inseridas numa realidade, em uma teia de relações, de vidas humanas, constitutiva de sentidos.

Dentro desse contexto, por meio dos letramentos de reexistência, percebida pela "singularidade nas microrresistências cotidianas ressignificadas na linguagem" (Souza, 2011, p. 37) e sentidas na linguagem literária, as crianças encontram caminhos para falar por exemplo, das suas dores, medos, afetos, sonhos, de si mesmas, da família, da comunidade, das relações sociais e das injustiças sociais. Constroem assim novas inscrições como sujeitos e não apenas reproduzem o discurso dos outros, ressignificando novas formas de vida, por meio dos jogos de linguagem e da arte literária.

Segundo Costa (2017, p. 181), "saber ouvir a criança implica uma atitude que requer um deslocamento do sujeito que ouve para recusar a colonialidade da relação adulto/criança, da qual o adulto parece tudo saber sobre a criança e esta, tudo depender do adulto, para o reconhecimento da alteridade infantil".

Pensando numa relação de horizontalidade, propomos os círculos de cultura como forma de mediar as práticas literárias, de modo que as crianças tenham voz, por meio das relações dialógicas. O círculo de cultura pensado por Freire (2022), pelo seu caráter dialogal, ao situar o diálogo numa "relação horizontal de A com B", nos conduz a uma matriz crítica, gerando, assim, criticidade.

Assim, este estudo tem como objetivo mediar práticas literárias decoloniais de forma dialógica por meio dos círculos de cultura e dos letramentos de reexistência.

Metodologia

Este estudo é de caráter participante, em Pragmática Cultural, ancorada na pesquisa-intervenção. Segundo Alencar (2015, p. 141), uma proposta metodológica para a Pragmática Cultural, trata-se de "[...] uma proposta de pesquisa linguística que procura 'atravessar a rua' que separa a academia das práticas e saberes culturais e populares".

Doravante, denominamos de pesquisa in(ter)ventiva em Pragmática Cultural "que utiliza o círculo de cultura, não apenas como atividade de ensino ou como tecnologia social, mas também como procedimento metodológico tanto para a fase de geração de dados, como na fase de análise de dados" (Alencar, 2024, p. 43). A Pragmática Cultural leva em conta a interação linguística entre as pessoas, advogando para uma pragmática do cotidiano.

A proposta dos círculos com crianças adota os mesmos pressupostos dos círculos de cultura de Paulo Freire (2022), proposta politicamente mais humana, comprometida com a transformação social. Busca-se através das palavras-mundo (Freire, 2022), a qual chamaremos de palavras-sementes (Alencar, 2021), investigar, sistematizar/transformar a práxis político-educativa, desenvolvidas por meio das práticas de leitura, sob a forma de "jogos de linguagem" (Wittgenstein, 1999).

A pesquisa in(ter)ventiva segue as etapas dos círculos de cultura, desde a sua primeira fase, a pesquisa do universo vocabular, a partir das palavras-mundo, até a produção das sínteses criativas (Freire, 2022).

Resultados e Discussões

Partimos do pressuposto de que aprender não é enfiar o saber-de-quem-sabe no suposto vazio-de-quem-não-sabe, mas uma troca entre pessoas, uma troca-que-ensina. É um trabalho coletivo, de construção de conhecimento da realidade dos educandos, seus anseios, saberes, modos de viver e ver o mundo ao seu redor, como é o lugar onde vivem, como vivem, como se sentem, como compreendem o mundo, suas vivências em sociedade, no âmbito familiar, no trabalho, etc.

Inicialmente, realizamos o "levantamento do universo vocabular" (Freire,2022), para colhermos as palavras- mundo/ palavras- sementes. Não utilizamos questionários prontos, pois mais do que a obtenção de vocábulos soltos, acreditamos que linguagem é uma "atividade social" e como tal, ela se faz no "uso" das palavras, dentro de um contexto social (Wittgenstein, 1999).

Assim, as práticas dos sujeitos nas suas "formas de vida" podem estar ligadas a uma forma de vida capitalista ou uma forma de vida que resiste ao sistema opressor capitalista. As palavras-semente são formas de acessar essas gramáticas, questioná-las e transformá-las. Segundo Alencar, 2024:

> As palavras-sementes não apenas indiciam as gramáticas com suas proposições (gramaticais e empíricas), mas elas perturbam "as certezas" das proposições gramaticais, possibilitando a crítica, o questionamento por meio de novos jogos de linguagem até se alcançar novas visões de mundo, novas formas de vida (ALENCAR, 2024, p. 51)

Dentre as palavras- sementes colhidas das interações sociais com as crianças destacamos: amorosidade, família e racismo. Destas palavras-sementes, floreou os temas, as questões problematizadoras e a ponte para as práticas literárias mediadas com as crianças.

A escolha da obra literária deu-se a partir das interações, da escuta, das rodas de conversas, dos registros e da observação atenta da rotina das crianças, levando em conta as palavras-sementes acima citadas. Desse modo, realizamos a contação da história: Amor de cabelo, de Matthew A. Cherry, traduzido para o português por Nina Rizzi. O livro inspirou o curta de animação, vencedor do Oscar 2020, Hair Love (2019). Com uma narrativa delicada e envolvente, o livro conta a história da menina Zuri à procura do penteado perfeito para recepcionar sua mãe que está voltando para casa depois de um tratamento médico. O pai é quem irá ajudá-la. Amor de cabelo enaltece os "cabelos com vida própria" da menina Zuri.

A relação afetuosa entre Zuri e seu pai mostra como a menina se sentia valorizada e amada e, por isso, era orgulhosa pela confiança que o pai lhe transmitia ao elogiar seus cabelos. Zuri expressava o amor que nutria pelos cabelos como uma forma de autorreconhecimento e pertencimento: "Adoro que meu cabelo seja tão eu!"

Percebemos que as crianças fizeram conexões das suas gramáticas culturais com a história da menina Zuri. O relato de uma delas, a qual chamamos de Flor de Lis, evidenciou esse momento: *"Meu cabelo também é bem cacheado, como o da Zuri, levantado e bem grande ... meu cabelo... gosto de fazer penteado, gosto de usar laço, liga, gigolé [...] Fica lindo com penteado"* (DIÁRIO DE CAMPO)

Outra criança, a qual denominamos de Violeta, relatou que a história foi muito legal e mostrou que todo cabelo tem beleza e precisa de cuidado e amor. Ela disse: *"A história me ajudou a ter paciência com meu cabelo porque eu não tenho paciência de 'pintiar' ele [...], mas com amor, vou conseguir"* (DIÁRIO DE CAMPO)

Dialogamos sobre a valorização à diversidade, assim como o combate a todas as formas de opressões estruturais. Por meio da literatura, podemos propiciar a reflexão sobre a necessidade da equidade racial, valorizando e emponderando crianças que são vítimas de racismo. Pinheiro (2023, p. 125), afirma que "é importante viver a diversidade em todas as instâncias da vida, entendendo que é só convivendo com a pluralidade que efetivamente cresceremos com ela".

As discussões nos círculos suscitaram várias reflexões mediadas pela história, como a relação de confiança entre a menina e o pai, e especialmente por trazer em sua narrativa numa perspectiva afrocentrada, a formação das nossas crianças a partir de uma lógica do reforço positivo, conforme expõe Pinheiro (2023):

> [...] acreditamos que crianças que estão sendo formadas precisam se nutrir do que elas efetivamente são e não do que não são, mas que disseram acerca delas como mecanismo de controle social. Não precisamos dizer para elas o "seu cabelo não é feio"; nós simplesmente afirmamos "o seu cabelo é lindo" [...] (Pinheiro, 2023, p. 59)

Para Alecrim (nome fictício dado a uma criança), a história inspirou autorreconhecimento e pertencimento. Conforme ela expôs: *"Eu não gostava do meu cabelo, mas agora gosto" [referindo-se ao cabelo afro]* (DIÁRIO DE CAMPO)

As questões discutidas permitem um olhar mais criterioso do pensamento infantil sobre a necessidade de ressignificação das gramáticas culturais dos coletivos infantis, muitas vezes ancoradas em formas de vidas cristalizadas pelo discurso hegemônico dominante.

As crianças trouxeram para as suas gramáticas culturais experiências reais. Compartilharam também suas gramáticas de dor. Falaram das suas gramáticas cotidianas com a família e com seus pares. As "práticas terapêuticas" (Alencar, 2021) de uso social por meio da linguagem das práticas literárias fez com que as crianças expressassem suas dores e encontrassem nas palavras-sementes da amorosidade novas formas de vida, contribuindo, assim, para novos modos de resistir e reexistir.

Conclusões

Acreditamos que as práticas de letramento(S) são múltiplas e não se esgotam na escola. Reconhecer que as crianças, através das suas gramáticas cotidianas, influenciam e são influenciadas pelos discursos nos leva a refletir sobre a importância da escola ressignificar sua atuação em relação ao texto literário e as práticas discursivas em geral.

Por meio das palavras-sementes, colhidas a partir dos círculos de cultura acessamos, discutimos e sistematizamos gramáticas de resistência, necessárias para construir novas formas de vida, ancoradas em formas de vidas revolucionárias.

Através das práticas literárias as crianças trouxeram seus letramentos vernaculares, de modo a desconstruir a hegemonia do saber dominante. Criar, reinventar, resistir e reexistir por

meio das práticas literárias não se esgota nos exemplos aqui citados, pois a leitura literária como construção literária de sentidos, é um processo dinâmico.

Desse modo, desvelamos que as práticas literárias decoloniais, mediada de forma dialógica, conduz a novas possibilidades de enfrentamento ao capitalismo, com propósitos assentados na construção de uma identidade de resistência/reexistência e de luta contra o sistema-mundo capitalista colonial/ patriarcal supremacista branco que se esteia até os dias atuais.

Palavras-Chaves: Palavras-sementes; Gramáticas culturais; Jogos de linguagem.

Referências Bibliográficas:

ALENCAR, C. N. Pragmática Cultural: uma proposta de pesquisa intervenção nos estudos críticos da linguagem. In: RODRIGUES, M. G.; ABRIATA, V. L. R.; MELO, G. C. V.; MANZANO, L. C. G.; CÂMARA, N. S. (Orgs). **Discurso: Sentidos e ação**. Coleção Mestrado em Linguística, v. 10. São Paulo: Universidade de Franca, 2015, p. 141-162.

ALENCAR, C. N. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 37, n. 4, 2022. DOI: 10.1590/1678-460x202156109. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/56109. Acesso em: 20 mar. 2026.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Práxis educativa e gramática de resistência no Programa Viva a Palavra. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.4, 2024. p. 34-54. Disponível em: https://revistas.uece.br/index. php/linguagememfoco/article/ view/15218. Acesso em: 25 de mar. 2026.

COSTA, M. F. V. Práticas lúdicas e relações intergeracionais: a infância em diferentes temporalidades. In: ALENCAR, C. N.; COSTA, M. F. V.; COSTA, N. B. (Orgs.). **Discurso, fronteiras e hibridismo**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. p. 175-194.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIPHOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STREET, B**. Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.